

HAZE ME  
USE ME  
OWN ME

A black and white photograph of a very muscular man, shirtless, seen from the back and side. He is holding a mobile phone to his ear with his right hand. The background is a soft, out-of-focus light. The image is partially obscured by a white, torn-edge paper effect that separates the top text from the title and the bottom text.

*The Omnibus*

Zeta  
Mu  
Tau

*B.L. Sparrow*

**B.L. Sparrow**



**Zeta Mu Tau**

Série Completa  
Livros 1, 2 e 3

Revisão

*Bouquet e Seraphina*



**CRAVO VERDE**

**Cultivando histórias de amor e  
diversidade!**

JULHO / 2025

# AVISO DE GATILHO

## **NOTA DA AUTORA & AVISO DE GATILHO**

*O realismo é superestimado*

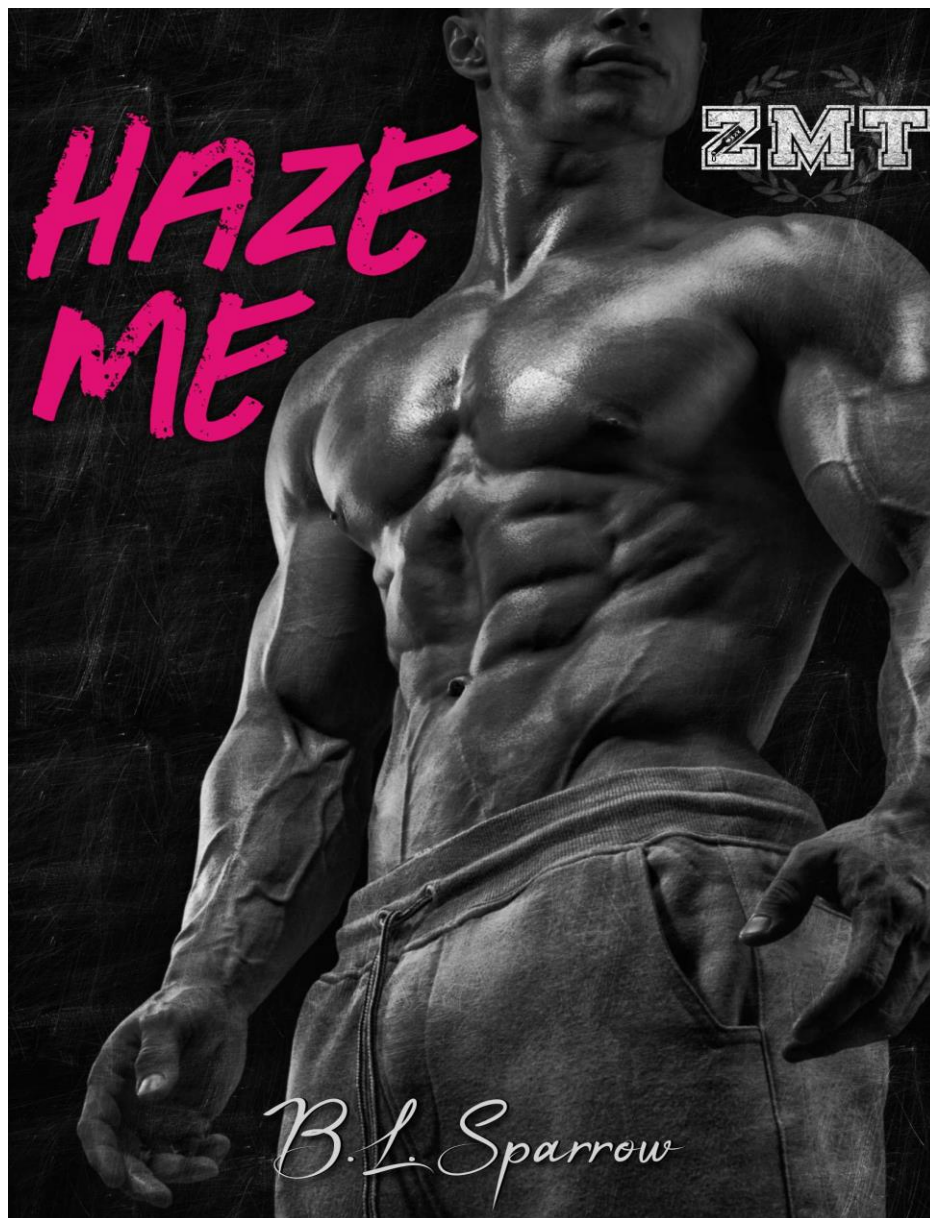
~

‘Zeta Mu Tau’ é uma série de romances eróticos tabus entre irmãos. Contém conteúdo sexual explícito e é adequado apenas para leitores com mais de 18 anos.

Todos os personagens retratados nessas histórias são adultos.

### **Temas e Possíveis Gatilhos Incluem:**

- Incesto entre irmãos
- Consentimento duvidoso (Dub-con)
- Sexo sem proteção
- Sexo em grupo
- Sexo agressivo
- Sexo em público
- Jogos de respiração (Breath Play)
- Jogos de impacto (Impact Play)
- Uso de objetos durante o sexo (Object Play)
- Fetiche de feminização
- Fetiches de degradação, humilhação e elogios



LIVRO 1

A vida de Aidan desmoronou quando ele descobriu sobre a verdadeira família de seu pai. Matricular-se na mesma faculdade que seu meio-irmão como forma de se vingar talvez não tenha sido a escolha mais inteligente, mas era tudo o que ele tinha.

O problema é que Foster tem todo o poder e é protegido por sua fraternidade.

Ingressar na mesma fraternidade parece ser o jeito mais fácil de se aproximar dele. Mas quando o trote é levado muito além do que Aidan jamais poderia imaginar, ele acaba descobrindo um lado exibicionista que nem sabia que existia. E o pior de tudo é que é seu próprio sangue que está forçando tudo isso sobre ele.

**Haze Me** é um conto erótico sobre meio-irmãos ultrapassando os limites um do outro. Contém *dub con* (consentimento duvidoso), trote, humilhação pública e fetiche de degradação, além de sexo em grupo.

## AVISO DE GATILHO

Esta história se passa nos anos noventa, uma época selvagem para trotes e fraternidades se comparada aos dias de hoje. Apesar disso, o que você está prestes a ler ainda ultrapassa os limites da plausibilidade. E pode – ou não – representar com precisão como as fraternidades realmente funcionam.

Mas sejamos honestos, não foi por isso que você comprou este livro, então foda-se.

**'Haze Me'** é um romance erótico tabu entre irmãos. Contém conteúdo sexual explícito e é indicado apenas para maiores de 18 anos.

Todos os personagens retratados nesta história são adultos.

### **TEMAS E POSSÍVEIS GATILHOS INCLUEM:**

Consentimento duvidoso (Dub-Con)

Humilhação pública e fetiche de degradação

Feminização

Jogos de impacto (Impact Play)

Sexo em grupo

Incesto entre irmãos

# CAPÍTULO UM

1994

Aidan

A música está pulsando. Posso sentir toda a antiga e imponente casa vibrando com o baixo, e ficaria preocupado se alguém chamasse a polícia do campus, se eu não soubesse exatamente o quão poderosa é a Zeta Mu Tau em Haverwood.

Zeta Mu Tau existe há quase 150 anos e tem sido a espinha dorsal da vida de fraternidade neste campus; formando advogados, senadores, empresários e todos os outros que representam a face pública de nossa sociedade capitalista e patriarcal.

Um lugar aqui te dá uma posição vitalícia entre a elite de Massachusetts.

Devo saber disso, porque meu bisavô fundou esta fraternidade, e meu pai foi presidente do capítulo antes de se formar e se tornou um dos advogados mais influentes da cidade. O dinheiro, o poder e o prestígio que estão dentro dessas paredes vibrantes correm no meu sangue.

Exceto que eu não deveria saber disso, porque meu pai escondeu tudo de mim. Porque aquele filho da puta mentiroso, trapaceiro, engravidou minha mãe há dezenove anos e tem vivido uma vida de

fachada conosco desde então, tudo com um nome falso. Ele nos deu um nome falso, um emprego falso, uma história falsa, tudo isso.

Para esconder não só seu poder e riqueza, mas também o fato de que sua outra família – sua verdadeira família – não sabe que existimos.

Quando minha mãe descobriu isso no meu último ano do ensino médio, ela o expulsou de casa, e desde então não o vimos mais. Tenho a sensação de que uma parte dele ficou aliviada por não ter mais esse problema. Claro, sou eu quem teve que juntar os pedaços, vendo minha mãe, antes vibrante, afundar cada vez mais na depressão por causa da traição que destruiu nossa família e a arruinou financeiramente. Até adiei a faculdade por um ano para tentar ajudá-la a se reerguer, mas não adiantou.

Não estou dizendo que essa foi a razão de eu ter decidido me inscrever aqui. Vamos lá, moro nesta cidade. Provavelmente eu teria acabado na Haverwood de qualquer jeito. Mas se eu dissesse que não fui impulsionado a acelerar essa fraternidade ridícula por uma curiosidade brutal e autodestrutiva, estaria mentindo.

Porque, ao começar a fazer algumas pesquisas, descobri que não só é o legado do meu pai, como também é um que ele planeja passar para o seu filho.

Seu filho verdadeiro.

O meio-irmão que eu nunca soube que tinha, e que ainda não sabe que existo.

Foster Broderick. Foster Broderick III, na verdade, porque o pai gosta de um legado familiar. Desde que seja para a família de verdade dele.

Ainda não vi Foster esta noite. Mas não foi difícil encontrar informações sobre ele assim que soube o que procurar. Ele é um estudante do último ano e presidente da fraternidade, assim como o pai. Também é uma estrela do hóquei, assim como o pai foi e como ele me incentivou a ser. Nós teríamos circulado pelos mesmos círculos sociais, se não fosse pela diferença de idade entre nós e pelo fato de que o pai manteve minha mãe e eu morando em uma parte da cidade bem diferente – e, portanto, em um distrito escolar diferente – do Foster, que é o filho dele. Eu tinha ouvido falar dele antes, claro, mas nunca me importei com fofocas locais de hóquei.

Na verdade, nunca me importei muito com hóquei, para ser honesto. Só fazia isso porque meu pai me pressionava bastante. Antes, eu ressentia isso, mas agora estou meio que agradecido.

Sem minha bolsa de estudos esportiva, eu nunca conseguiria pagar a faculdade, agora que o doador de esperma me abandonou e minha mãe. E sem o prestígio de estar numa fraternidade de destaque, um ninguém como eu – que ninguém sabe que é um herdeiro de um legado e não compartilha o sobrenome influente – não teria chance de conseguir uma vaga numa fraternidade de alto nível como essa.

O que antes não era importante para mim.

Não sei por que está se tornando importante agora, para ser honesto. Às vezes, sinto como se fosse um agente secreto, decidido

a se infiltrar no inimigo e destruir seu pequeno feudo por dentro. Como se, ao passar por trás da cortina, eu encontrasse provas de que Foster é um trapaceiro ou um estuprador de paquera ou algo do tipo, e pudesse destruir a família dele do mesmo jeito que ele fez com a minha.

Outras vezes, tenho vontade de passar por todo esse processo de verdade. Quatro anos na faculdade, quatro anos de fraternidade, e me tornar o cara mais bem-sucedido que eles já viram. Só para provar que posso fazer tudo o que ele fez, sem precisar do dinheiro ou da influência de que ele dependia.

Talvez eu esteja apenas sozinho. A mãe está tão fodida que foi morar com a irmã no Oregon, e sinto que um dia pisquei e minha vida familiar normal simplesmente... desapareceu.

Não importa o que aconteça, quero que ele sofra. Quero que ele saiba como é essa sensação.

Tenho certeza de que vou descobrir como fazer isso em algum momento. Agora, o mais importante é garantir meu lugar. Consegui uma indicação, que é o primeiro passo. A festa de hoje à noite é para comemorar isso. Mas ainda tenho que passar por todo o processo de iniciação e qualquer humilhação que isso envolva.

O que significa tolerar essa música ruim e todo esse grito, esses caras exageradamente machões, enchendo o espaço de suor e testosterona demais.

Posso até ser um atleta, mas ainda tenho uma quantidade finita de tolerância para esse tipo de besteira. Preciso de mais tempo para mim do que essa situação permite, então vou ter que realmente me

comprometer com o papel e sacrificar o que for preciso se quiser fazer esse esforço valer a pena.

Estou bebendo minha Pabst<sup>1</sup> morna e me lembrando disso quando finalmente o vejo. Está do outro lado da sala, mas ainda assim o reconheço de imediato. Mesmo que eu só o tenha visto em algumas fotos granuladas dos jornais locais que consegui rastrear.

Não é que ele se pareça comigo. Ele realmente não se parece comigo, graças a Deus, porque herdei minha mãe. Nunca fui tão grato por ter os cabelos loiros mel dela, junto com um leve bronzeado na pele, mesmo no outono da Nova Inglaterra. Foster se parece mais com o pai, mas deve herdar também da mãe, porque a semelhança não é tão marcante.

Ele tem cabelo escuro, muito mais escuro que o do nosso pai, e a mesma pele pálida. Mas quanto mais olho, mais semelhanças vejo.

Somos ambos construídos como jogadores de hóquei, o que faz sentido. E é explicável. Ambos temos as mesmas maçãs do rosto altas e um formato de rosto semelhante. Com todas as diferenças superficiais, certamente não é algo que faria um estranho apontar e começar a gritar que somos irmãos perdidos há muito tempo, mas porque sei o que procurar, consigo perceber claramente.

Foster também tem uma dureza nele. Ele tem a mesma coisa que o papai sempre teve, aquela energia fácil que diz ao ambiente que ele sabe que detém todo o poder aqui e não tem dúvidas de que é a ordem natural das coisas ele estar no comando.

---

<sup>1</sup> **Pabst Blue Ribbon:** Uma cerveja American Lager, muito popular nos Estados Unidos, também distribuída e vendida no Brasil pela Cervejaria NewAge.

Acho que ser presidente da fraternidade em um lugar como este daria a ele o mesmo tipo de ego inflado que sempre acompanhou meu pai. De repente, sou grato por ele ter passado tanto tempo em suas "viagens de negócios" que consegui não herdar essa característica em particular.

A única outra coisa que reconheço nele são seus olhos. Azuis, como os meus e como os do pai. Azul gelo e afiados. Minha mãe sempre brincava comigo por isso, dizendo que às vezes parecia que ele estava olhando para ela. E após o colapso dela, tudo ficou mais sombrio. Agora, aqui está meu irmão, com esse mesmo olhar de gelo.

E ele está fixo em mim de lá do outro lado da sala.

Ele está me encarando porque me pegou olhando? Ou ele também tem me observado o tempo todo?

Nervos percorrem meu estômago, lentos por causa de algumas cervejas que consegui beber desde que cheguei para me manter sob controle.

Esperaria que os irmãos estivessem observando todos os calouros com um olhar crítico, mas a energia que ele transmite é... diferente. Há uma intensidade na forma como ele me estuda que me lembra de enfrentar um rival na pista de gelo, mas mil vezes mais do que isso, com uma sobreposição de algo que não consigo identificar exatamente.

Finjo não perceber. Volto minha atenção para a conversa mais próxima, dou alguns passos à frente e participo, colocando um sorriso no rosto e fingindo me importar com eventos sociais,

arrecadações de fundos e tudo mais que devemos querer participar. Mas, por mais que eu finja, sinto que ele continua me observando de onde estiver na sala.

Mesmo quando ele está conversando com alguém. Ou tomando uma bebida, ou jogando a cabeça para trás para rir, me obrigando a estudar as linhas do seu pescoço e pensar se sua maçã do rosto parece com a minha, o que é muito estranho. Por mais que tudo isso aconteça, ele ainda me observa de canto de olho.

Digo a mim mesmo que estou paranoico. Claramente, não sou feito para trabalhos de infiltração, mas já é tarde para desistir. Tenho um plano. Bem, tenho um plano para ter um plano. Vou me inscrever. Vou fazer qualquer besteira de iniciação que eles quiserem, não importa o quão horrível seja. E vou encontrar uma maneira de usar essa conexão para fazer meu pai sentir pelo menos metade da dor e traição que ele causou à minha mãe nos últimos anos.

Pensar nisso, combinado com mais algumas cervejas, me ajuda a manter a calma. Quando a festa começa a se transformar na parte mais séria, estou suficientemente embriagado para tolerar qualquer tortura que tenham preparado para nós. Ouvi todas as histórias de horror de iniciação de fraternidade como o resto do mundo, mas o calor do álcool nas minhas veias e o sentimento cru de não ter mais nada a perder me deixam determinado a continuar.

A música para abruptamente, deixando meus ouvidos zumbindo no silêncio repentino. Muitos dos outros calouros olham ao redor, confusos, mas eu já esperava por isso.

Os irmãos se movem de forma coordenada, projetada para intimidar. Seus rostos amigáveis e acessíveis desapareceram. Em vez disso, todos estão empurrando a gente, gritando como sargentos do exército, batendo nas cervejas das mãos das pessoas até que fiquemos alinhados na sala principal, esperando por instruções.

Tudo sob o olhar atento de Foster.

Meu meio-irmão fica na frente, observando seu reino com toda a confiança de um príncipe legítimo. Ainda assim, como sempre, sinto seus olhos em mim, mas pelo menos sua atenção está dividida agora.

— Na sua posição, calouros.

É a primeira vez que o ouço falar. Sua voz é profunda e autoritária, e ele transmite a aura de alguém muito mais velho que vinte e um anos. Quando repete a frase pela segunda vez, ele me encara e mantém o olhar enquanto fala, e não posso deixar de estremecer. Algo nele é mais intimidante do que eu inicialmente tinha percebido.

— Ajoelhe-se, calouro.

Ele está dizendo isso diretamente para mim desta vez, e ajoelho sem hesitar.

Com os olhos baixos, tento empurrar a névoa do álcool na minha cabeça para me recompor. Deveria estar focado na recompensa, não ficar nervoso pelo fato de que meu meio-irmão secreto é um pouco mais assustador e menos perdedor do que eu pensava inicialmente. E parece ter uma fixação inquietante comigo.

Não seria a primeira vez que vejo um cara me olhando. Eu... sou bonito. Tenho feições bonitas, mas estou em um corpo de atleta. Homens reprimidos, homofóbicos e que se odeiam tendem a se sentir atraídos por isso, e isso acende um tipo de agressividade bem específico que aprendi a lidar há muito tempo.

Essa atenção parece um pouco com isso, o que já é uma merda sem medida. Mas não exatamente. Há um sabor diferente aqui, e quanto mais ele me observa, berrando ordens para o grupo todo, mas fixando o olhar em mim com aquela intensidade que é uma reflexão exata do meu, mais eu começo a me sentir sem amarras.

— Esta não é oficialmente uma fraternidade só para atletas, — a voz de Foster ecoa pela sala, interrompendo meu pensamento estranho. — Mas vamos ser realistas. Você precisa ser um tipo de homem para fazer parte daqui. Formar-se com essas letras garante um lugar na história, mas você precisa conquistar isso. É hora do primeiro teste de sua masculinidade, calouros. E se algum de vocês for covarde demais para aguentar, sabe onde fica a porta. Homens de verdade sabem levar uma surra, tanto no corpo quanto no orgulho.

Toda essa pose de bravura me faz rir, distraindo-me um pouco da minha espiral interna. O que eles vão fazer, bater com sacos de laranja? Tanto faz. Hematomas desaparecem. Que atleta não sabe lidar com levar porrada?

Na minha opinião, isso não tem nada a ver com masculinidade ou orgulho, mas vamos logo acabar com isso.

Espero que alguns desses garotos mimados, de rosto de bebê e músculos de academia, percam a cabeça e me deixem com menos concorrência por um lugar decente na casa. Preciso morar aqui se quero a melhor chance de descobrir a verdade sobre Foster, e esses lugares são limitados.

Mas, pelo que percebo, sou o único aqui que não é da cidade do Foster, o que significa que provavelmente sou o único que já esteve numa briga de verdade. Tenho a sensação de que posso aguentar o que vier de abuso.

— Certo, calouros. Tire suas roupas até a cueca, depois coloque suas bundas no ar.

Oh, pai. Você deve estar tão orgulhoso do seu legado. Claramente, isso é o auge da masculinidade.

O clima entre os calouros é uma mistura de nervosismo e tentativa de não rir, porque é bem ridículo. Só quero que acabe logo. Eu tiro a camisa, a calça e depois as meias e tênis, jogando tudo numa pilha ao meu lado e assumindo a posição.

Praticamente sinto os olhos do Foster em mim neste momento, mesmo sem olhar. Isso me faz sentir mais nu do que antes, mas lembro por que estou fazendo isso. Minha mãe merece vingança. Eu mereço vingança. E alguém, de alguma forma, precisa derrubar idiotas como meu irmão e meu pai.

Não demora muito para minha mente se acalmar. Estou acostumado a fazer isso em vestiários, e isso é basicamente a mesma vibe. Muitos caras nus e energia agressiva deslocada. Todo mundo tentando se tocar sem motivo, o que me dá coceira. Nunca

me encaixei nesse ambiente, e sei como manter a cabeça baixa e evitar atenção.

Não esperava muito quando o primeiro irmão me acertou, então me joguei para frente com a força do golpe. Eu não tinha certeza de onde veio o ângulo, mas nossa posição de “bundas para cima” deu uma boa pista. Não quero levantar a cabeça para olhar ao redor, mas parecia uma tábua de madeira me acertando na bunda, forte o suficiente para causar hematomas e tirar metade do ar dos meus pulmões.

Me preparo para o próximo golpe, e dói um pouco menos. Eles vêm de intervalos aleatórios, e não consigo ver quem está fazendo isso comigo. Mas, ao lançar um olhar discretamente, vejo uma pessoa: Foster. Ele ainda está na frente do grupo, com os braços cruzados no peito largo, me encarando com a mesma intensidade de toda a noite.

O ar se enche de grunhidos, estalos, palavrões e o ocasional choro. Um por um, ouço os calouros começando a fraquejar. Pelo menos um se levanta, posso perceber. Os irmãos gritam abusos aleatórios entre os golpes, chamando a gente de “vermes” e “covardes” e tudo mais que conseguem copiar de Full Metal Jacket.

E, através de tudo isso, Foster me observa. Está me deixando quente, a dor dos golpes e a intensidade do olhar dele se combinando para fazer minha pele parecer que vai pegar fogo. Meu corpo inteiro pulsa, uma linha viva pronta para explodir, e meu sangue bombeia com mais adrenalina do que consigo controlar.

Na próxima vez que me acertam, mal consigo engolir o barulho que meu corpo quer fazer, e as pontas dos meus dedos começam a formigar.

Sinto-me tão vivo que quero gritar.

Eu só quero... não sei.

Essa sensação quente e desconfortável está apertando meu peito, e não sei como me livrar dela. Meu estômago está contraído, meu sangue está em chamas, e cada parte da minha pele pulsa. Estou totalmente em alerta vermelho.

Alguns caras vão saindo, um por um. Acho que consigo ouvir alguém chorando por cima do barulho, mas não tenho certeza. Tem muita gritaria para distinguir. Volto minha mente para dentro e foco em não pensar no olhar de Foster queimando minha pele.

Então ele fala.

— Parem, pessoal. Parece que alguém aqui acha que é durão. É isso mesmo, calouro? Você acha que é forte?

Não preciso olhar para saber que ele está falando comigo, mas faço isso mesmo assim. Meu olhar é atraído pelo dele como um ímã. Porque, assim como toda outra vontade autodestrutiva que me levou até aqui, não consigo me controlar.

Olho diretamente nos olhos de Foster pela primeira vez desde que entrei na sala, aperto a mandíbula e encaro meu irmão.

— Você esperava que eu fugisse de uma surra? Eu sabia que o padrão de maturidade na fraternidade era bem baixo. Não percebia que era nível pré-escolar.

Praticamente consigo ver a tensão se espalhando por ele.

Ele descruza os braços, dá alguns passos até ficar acima de mim. Meu corpo, machucado e quase nu, fica na sombra do dele, e me sinto menor e mais vulnerável do que me senti desde que a surra começou.

— Certo, valentão. Se quiser mostrar como se faz, calouros, que todos assistam ao estudante de bolsa e aprendam a levar uma surra como um homem. Aparentemente, é uma lição que se aprende bem na cidade dele.

Ignoro a provocação, em parte porque já ouvi isso um milhão de vezes, e em parte porque significa que ele sabe quem eu sou, o que me causa pânico.

Está tudo bem. Só porque ele sabe quem eu sou, não quer dizer que saiba quem é meu pai. Tenho o sobrenome da minha mãe, e nosso idiota doador de esperma foi muito cuidadoso para não deixar rastros. Tudo que Foster provavelmente sabe sobre mim vem do hóquei. Tenho certeza disso.

Sou interrompido de racionalizar minha fuga do pânico quando ele agarra meu cabelo com força, antes de me virar e me arrastar para a frente da sala.

A humilhação se mistura no meu estômago. Ele se move devagar o suficiente para eu conseguir acompanhar, mas rápido o suficiente para eu precisar me apressar, e me segurar na altura, obrigando-me a ficar de mãos e joelhos. A atenção de todos na sala está sobre mim, em silêncio total, e esse deve ser o momento mais humilhante da minha vida, que não é muito cheia de orgulho.

Se houvesse um momento para fugir, seria agora. Mas não consigo tirar a expressão de satisfeito no rosto dele da minha cabeça. Se eu não passar por isso, vai me assombrar para sempre.

Foster senta-se numa cadeira de encosto rígido. Estou esperando que ele me faça ajoelhar aos seus pés e latir como um cachorro ou algo igualmente idiota, mas não. Ele me agarra tão bruscamente quanto antes e, antes que eu perceba, estou sendo inclinado e derrubado sobre seu colo.

Não sou pequeno. Sou alto e forte, e não sou manipulado por homens. Mas Foster é um pouco mais alto e aparentemente muito mais forte, e ele me move como se fosse um pano de prato. Meu estômago se revira com a súbita perda de gravidade enquanto ele me torce na posição que quiser, e quando o mundo se ajeita, percebo que estou espalhado sobre ele como uma criança indisciplinada. Meu rosto aponta para o chão e minha bunda está no ar, apoiada no joelho dele, e sua grande e quente palma repousa nela como se eu já fosse sua propriedade.

*Isto é muito errado.*

Mas não há como explicar isso sem revelar a verdade, e já é tarde demais para isso.

Volto ao meu lugar interno de calma e tento ignorar sua voz grossa e profunda enquanto ele dá uma palestra para os outros calouros sobre o que acontece se você acha que é forte demais para estar aqui.

Tenho certeza de que ele vai começar, mas então ele se inclina e sussurra no meu ouvido, com uma voz rouca o suficiente para que só eu ouça, mas ainda assim com um tom de ronronar:

— Vamos ver se consigo tirar um grito dessa boca bonita, que tal?

Não tenho tempo de pensar mais sobre o quão errado isso é antes de começar a palmada. E não é com a tábua dessa vez, é com a mão dele.

A mão dele, nua. A sua mão. Na minha bunda. Apenas uma fina camada de algodão branco barato separando a pele dele da minha, impedindo que cruzemos a linha para um território completamente errado.

E, claro, ele não faz ideia.

Bem, ele sabe que o que está fazendo é errado. Na verdade, posso perceber pelo jeito que ele fica duro por baixo de mim que o idiota está gostando disso. Mas ele não conhece toda a extensão.

Ser espalmado com a mão dele é diferente. Ainda acende minha pele a cada golpe, fazendo meu corpo se mover para frente de forma desajeitada, que faz meu quadril se esfregar na coxa dele. Mas é mais suave. É mais íntimo, e a sensação mais estranha começa a percorrer meu corpo além da vergonha que está queimando minha cabeça.

Começa lá embaixo na minha barriga, mas logo viaja até meu pau, e então ele não é o único ficando duro.

*Não, não, não, não, não.*

Digo a mim mesmo que é só o atrito. É uma resposta mecânica, e não tem nada a ver com a forma como a mão dele praticamente cobre minhas bochechas, ou com a sensação dele deslizando aquela grande palma sobre a pele que queima entre os golpes.

Mas quando ele se inclina e sussurra novamente para mim, — Você realmente é um garotinho travesso, e agora todo mundo pode ver, — meus testículos latejam e meu pau passa de meio-ereto a uma dor insuportável. Parece que ele acabou de desvendar um segredo supersecreto de nível de chefe que estava enterrado bem fundo no fundo do meu cérebro, e então o abriu e o expôs para todos na sala verem.

Alguns dos outros irmãos estão rindo de mim. Alguns parecem excitados ao lançar olhares, e os calouros estão todos boquiabertos.

É demais. Todos os olhares estão em mim, assistindo enquanto meu irmão — não, Foster, praticamente um estranho — me destrói. Meu pau está esfregando para cima e para baixo na coxa dele, grossa e tensa, e os sons que saíam de mim, que começaram como gemidos, agora parecem mais com gemidos de prazer.

Mas não consigo parar. Não consigo parar nada disso.

No próximo golpe, eu me balanço para frente e arrasto-me de volta pela coxa dele, desesperado por algum alívio para a dor no meu pau.

Começo a me sentir tão desesperado que todas as consequências parecem se afastar, e o fato de todos na sala estarem me assistindo me transformar nessa coisa patética e necessitada só piora as coisas.

Preciso que isso pare.

Preciso gozar.

Mexo-me no colo de Foster, tentando impedir que eu me jogue nele como a criatura lasciva que ele me transformou. Espero que a próxima pancada venha, mas nada acontece. A sala está em silêncio, como se todos estivessem prendendo a respiração, esperando para ver o que ele vai fazer a seguir.

Naquele silêncio absoluto, cada movimento que faço parece ecoar ao nosso redor. Meus movimentos trêmulos e desesperados, por menores que sejam, são impossíveis de esconder de todos, especialmente de Foster.

— Mmm — ele geme, sua voz caindo ainda mais baixa até parecer uísque sobre cascalho. E agora isso também vai direto para o meu pau, porque aparentemente perdi toda noção da realidade. — Olhem só para o valentão se contorcendo, pessoal. Acho que ele gosta disso. Foi por isso que levou a surra tão bem, não foi, valentão? Você gosta de levar palmadas na bunda.

Não sei se devo falar, mas um gemido inumano escapa de mim enquanto meus quadris se movem uma vez, esfregando meu pau duro contra a coxa dele de uma forma que ele certamente não pode estar deixando passar.

— Agora você está se mexendo na minha perna, se esfregando e uivando como uma cadela no cio. Você é um valentão ou uma cadela no cio? Responda honestamente, e talvez eu te dê o que você quer, calouro.

Liberdade? Ele vai me deixar sair dessa situação fodida que está expondo as partes mais sombrias da minha alma que nem eu mesmo sabia que existiam?

Vendido.

— Uma cadela no cio — digo, com a voz rouca sem motivo algum. — Senhor — acrescento por educação.

— Mmm, isso é verdade — ele não me deixa levantar, no entanto. Sua mão esfrega minha bunda, que juro que deve estar irradiando calor pelo jeito que sinto ela arrepiando a cada contato. — Acho que você é minha pequena cadela, na verdade. O que acha, pessoal? Devemos dar o que ela quer?

Eu gemo novamente, mas é abafado pelo coro de calouros gritando em aprovação. Não sei o que vai acontecer, mas fica claro que, seja lá qual for o tipo de trote doido que isso é, não é a primeira vez que acontece.

Entramos oficialmente na zona onde todos estão tão chapados de testosterona que fazer sexo selvagem como forma de abuso não conta como gay, porque é apenas uma extensão de toda a outra violência. Mas não me importo, porque tudo o que consigo pensar é na mão de Foster queimando a minha pele e o quanto preciso gozar pra caralho.

Então os dedos dele escorregam por baixo da minha cintura, puxando minha cueca para baixo e revelando minha bunda para a sala.

*Não.* Preciso sair daqui. Uma onda de pânico surge em mim ao perceber o quão fodido estou se eu deixar isso continuar.

Mas, aparentemente, Foster já esperava isso. Ele apenas alisa a mão grande nas minhas costas, fazendo com que eu arque para ele como um gato, e depois me prende no lugar com a palma da mão firmemente entre meus ombros.

Estou preso na sua perna. Ele não me deixa levantar, e, se for honesto comigo mesmo, a maior parte do meu corpo não quer que eu saia. Quero sair. É só a pequena parte racional do meu cérebro, que sabe o quão distorcido isso é, que me diz para ir embora.

Quando fico parado, sua mão escorrega de volta para minha bunda agora descoberta, como se tudo isso fosse completamente normal. Minha cueca é puxada para baixo, revelando minhas nádegas, mas a frente fica presa na minha ereção latejante, e algo sobre estar quase completamente nu, mas não totalmente – com meu esperma escuro manchando o tecido na frente – é mais humilhante do que tudo o mais.

A primeira vez que ele bate na minha bunda nua com a palma da mão, quase engasgo com o gemido que escapa da minha garganta. Mas não há tempo para me ajustar. Ele estabelece um ritmo brutal, batendo repetidamente até que lágrimas começam a escorrer dos meus olhos e meus dedos se enterram em qualquer coisa que possam alcançar, que tenho certeza de que é a perna dele sob mim.

Há tanta fricção, e uma humilhação ardente, que sinto como se pudesse quase atingir o clímax assim.

Quando aquela sensação familiar de puxão começa na minha parte baixa, Foster para e quase grito de frustração. Sinto como se

estivesse flutuando fora da realidade. Isso não pode estar acontecendo de verdade. Isso não... Isso não é uma coisa real.

É um sonho.

Só preciso acordar, e tudo vai acabar, e poderei sentir uma espécie de liberação final.

Sem querer, meus quadris se movimentam contra o colo dele de novo e de novo, mas não é suficiente. Foster me manda calar, acariciando minha bunda de uma maneira estranhamente carinhosa que parece gostar de fazer entre as agressões.

— Sei que minha vadia está desesperada. Não se preocupe. Vou cuidar disso.

Então, sua mão desaparece, e quando ela volta, seus dedos estão molhados e pressionando minha entrada.

Ele não se move lentamente. É implacável, e meu cérebro mal tem tempo de registrar o que está acontecendo antes que seus dedos estejam me penetrando, primeiro com cuidado, e depois de repente.

Um dedo entra facilmente, mas o segundo me tira o fôlego. Tudo acontece em um piscar de olhos. Não consigo respirar, meu corpo fica tenso, e então Foster – meu meio-irmão – está me penetrando com os dedos na minha bunda na frente de uma sala cheia de rapazes excitados e ofegantes.

Parece estranho. Mas não tão invasivo quanto eu imaginava. Implacável, como tudo mais nesta noite, mas também como se estivesse me iluminando por dentro, assim como ele me iluminava por fora antes. Não demora muito para meu corpo se ajustar, e

mesmo enquanto minha cabeça ainda tenta entender, meu corpo decide que está a favor.

Um prazer vibrante irradia de onde ele está me penetrando, cada empurrão mais profundo, e uma pressão se acumula de uma forma que nunca senti antes. Meu pau ainda está latejando de desejo, e posso sentir a fome nua de todos os outros assistindo a tudo isso agora.

Como se eu fosse uma carne que eles estão desesperados para pegar, mas só Foster pode tocar em mim. É estranho o quanto minha mente gosta dessa ideia, mesmo sabendo que é uma coisa errada e doentia em milhões de níveis.

Só tenho que sobreviver. Só tenho que aguentar, e então isso pode ser relegado ao fundo da minha mente junto com todos os outros pesadelos.

Mesmo enquanto penso nisso, meus quadris se movem em sintonia com os dedos de Foster e meu pau, que está escorrendo e latejando, ainda arrasta pelo colo dele, implorando para ser tocado. Estou ofegante, com gemidos abafados e sons desesperados e patéticos escapando de mim a cada empurrão e movimento do meu corpo na mão dele.

E então, a pressão dentro de mim atinge um ponto de ebulição.

*Porra porra porra.*

Parece que alguém aperta meu coração e meus testículos ao mesmo tempo, fazendo com que eu produza sons e lágrimas, enquanto sêmen quente escorre do meu pau com tanta força que

vaza direto pela roupa grudada e cai no chão em bolas brancas e grossas.

Minhas costas se arqueiam, meus quadris se movem para trás como se tentassem fazer os dedos do Foster entrarem ainda mais fundo em mim. E o tempo todo, eu me agarro a ele. Para que todos vejam.

Isso continua e continua, porque ele ainda está me penetrando com os dedos, fazendo pequenas pulsações de prazer percorrerem meu corpo até eu ficar completamente exausto. Eu iria desabar se ele não aproveitasse aquele momento para segurar meu cabelo com a outra mão, me sustentando, ainda deitado no colo dele como uma coisa desejada, com os dedos dentro de mim e meu sêmen por toda parte no colo dele.

— É melhor assim, vadia?

Não sei o que dizer. Mal consigo respirar. Com a boca aberta e tenho certeza de que uma vermelhidão brilhante cobre minhas bochechas e peito, aceno com a cabeça de forma tonta.

— Pensei que sim. Você adorou ter meus dedos dentro de você. Estava implorando por isso. Aposto que você me pediria de joelhos para transar comigo, né? Quer que eu te foda, calouro?

Minha cabeça está tão desligada que a verdade escapa por várias camadas de defesa e normas sociais, e aceno novamente, olhando nos olhos dele.

Não dá para esconder o desejo cru que vejo no rosto dele. Por um segundo, acho que ele vai realmente me foder. Meu irmão. E estou prestes a deixar. Estou tão além de me importar.

Mas, ao invés disso, ele solta meu cabelo, retira os dedos de dentro de mim e me empurra para o chão.

Caio com força suficiente para machucar meu braço e quase acabo esmagando meu pau que está ficando mole. Quero me virar para me cobrir. Puxar minha cueca, pelo menos. Mas estou completamente acabado. Cada célula do meu cérebro e toda minha dignidade foram destruídas nos últimos vinte minutos.

Foster se levanta, me olhando de cima, de uma forma que antes achava intimidante, mas agora parece mais faminta do que assustadora.

— Que pena que não transo com vadias, calouro. Se vire e se arrume.

Estou completamente anestesiado enquanto me deixo ser conduzido até a fila e coloco minhas roupas de volta com dedos trêmulos.

Todos os calouros que sobraram são informados de que passaram por essa rodada e serão recebidos de volta. Também dizem que, se contarem qualquer detalhe do que acontece aqui, suas vidas serão destruídas sistematicamente. O que é crível, considerando que nenhum de nós entrou aqui esperando que tudo isso acontecesse.

Ainda sem sentir nada, silencioso, destruído, saímos da casa e voltamos ao mundo real. E percebo que, desde que ele me expulsou do seu colo, Foster não olhou para mim uma única vez.

## CAPÍTULO DOIS

Foster

Eu soube desde o segundo em que ele entrou na casa que tinha que conquistá-lo.

Não só meu. Eu tinha que fazê-lo quebrar. Fazer com que ele implorasse.

Normalmente não é algo que eu ache desafiador, mas cada detalhe nesse garoto me deixava com o sangue em chamas, desde seus lábios carnudos contra aquele maxilar masculino, até sua grossura que me faz querer colocar minhas mãos nele até que ele se curve em submissão, até seus olhos azuis claros que são quase exatamente do mesmo tom que os meus.

Preciso dele. Eu o quero. Vou destruí-lo.

Tenho um sexto sentido para perceber quando os caras estão implorando para que seu lado mais submisso seja revelado, mesmo que não percebam. E minha posição de poder aqui me dá exatamente a influência que preciso para fazer isso sem punição.

Imoral? Com certeza. Mas meu pai sempre me ensinou que você merece tudo o que consegue ao ir atrás disso sem hesitar. Quem pensa diferente é só invejoso.

Aliás. Esses garotos precisam disso. Precisam do abuso como uma justificativa racional para se entregarem ao que realmente desejam.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Zeta Mu Tau"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).